
Umberto Eco. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. São Paulo: Record, 2007, 458 pp. Tradução de Eliana Aguiar.

A Itália sempre produziu autores múltiplos, que ora se ocuparam de prosa, ora de verso, ora de ensaio; basta pensarmos em Dante, Macchiavelli, Leopardi, Pasolini e Calvino. Além disso, são muitos os escritores italianos que refletiram sobre a prática da tradução.

Umberto Eco não foge a esta regra. Apesar de a tradução ser uma de suas facetas menos conhecidas, são vários os ensaios do autor de *O nome da Rosa* dedicados ao tema e que culmina com a publicação do livro *Dire quase la stessa cosa: Esperienze di traduzione* [Quase a mesma coisa: experiências de tradução], pela Bompiani de Milão em 2003.

Embora Eco afirme que começou a se ocupar teoricamente de tradução em 1983 (p. 11), ao ter de explicar como havia traduzido *Exercícios de estilo* de Raymond Queneau (que ele retoma neste livro, pp. 354-8), e que tenha vol-

tado ao assunto apenas na década de 90 do século passado, podemos dizer que a tradução é uma presença constante, direta ou indiretamente, em seus escritos, de *Opera aperta* [Obra aberta], de 1962, a *I Limiti dell'interpretazione* [Os limites da interpretação], de 1990.

É, contudo, a partir dos últimos anos do século 20 que Eco começou a abordar mais de perto a tradução em cursos, palestras e ensaios. Por isso, as observações do autor italiano sobre o assunto são, como ele mesmo diz, “ocasionais”.

Convém antecipar que Eco não é, estritamente, um teórico da área, mas um bom crítico de tradução, como fica mais evidente neste livro, e é nas entrelinhas de suas críticas, principalmente nos comentários sobre suas obras traduzidas para outras línguas, que já se pode perceber sua preferência pela dita “fidelidade”. Isso fica bastante claro quando, ao final do seu livro, ele diz: “a conclamada “fidelidade” das traduções não é um critério que leva à única tradução aceitável (...). A fidelidade é, antes, a tendência a acreditar que a tradução é sempre possível se o texto fonte foi interpretado com apaixonada cumplicidade, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido pro-

fundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa” (p. 426), porque, continua o professor de semiótica na conclusão do livro, “se consultarem qualquer dicionário, verão que entre os sinônimos de *fidelidade* não está a palavra *exatidão*. Lá estão antes *lealdade, honestidade, respeito, piedade*” (p. 426).

Vale lembrar que Eco também atuou como tradutor, e, em 1983, traduziu *Esercizi di stile (Exercícios de estilo)*, de Queneau, e *Sylvie*, de Gerard d.e Nerval. Apesar de sua experiência como tradutor ser limitada, o autor de *O pêndulo de Foucault* sabe que o exercício da tradução é útil e ajuda a teorizar ou criticar. Não por acaso, Eco observa: “Muitas vezes alguns textos de tradutologia deixaram-me insatisfeito justamente porque uma riqueza de argumentos teóricos não se fazia acompanhar por [...] exemplos. [...] Em muitos outros casos vinha-me a suspeita de que o teórico da tradução nunca tivesse traduzido e, portanto, falasse de uma coisa sobre a qual não tinha experiência direta (p. 13).

Podemos ainda acrescentar que a experiência como tradutor para Eco também é importante porque

pode servir para quem quer ser bom escritor, como já notava Leopardi (1798-1837) numa carta de 29 de dezembro de 1817, endereçada ao amigo e também escritor Pietro Giordani, quando afirma que traduzir “é útil e necessário para os que querem tornar-se escritores insígnies; mas para tornar-se um grande tradutor convém antes haver composto e ter sido bom escritor” (1998: 172).

A carreira de ficcionista de Eco inicia-se apenas em 1980, com *O nome da Rosa*, ou seja, depois da publicação de seus livros mais importantes de semiótica e crítica literária. É, portanto, um desabrochar tardio. O interesse explícito pela tradução também é tardio e aparecerá mais claramente em *Alla ricerca della lingua perfetta (Em busca da Língua perfeita)*, Bauru: Edusc, 2001, tradução de Antonio Angonese), de 1993. Aqui o autor de *Baudolino* reflete sobre a questão da “língua perfeita” e responde à pergunta: “A diversidade de línguas é uma maldição ou uma bênção?”. Em sua resposta, Eco transita por diferentes autores, exibindo sua erudição, mas também certa proximidade, traço, aliás, presente em muitos de seus escritos.

Entre 1997 e 2002, período que coincide com o fortalecimen-

to da área dos Estudos da Tradução, os escritos esparsos de Eco sobre tradução são agrupados de forma sistemática no livro *Dire quasi la stessa cosa: esperienze di traduzione*. Quatro anos depois, em português, *Quase a mesma coisa: experiências de tradução* reúne uma série de palestras e comunicações apresentadas em Toronto, Oxford e Bolonha e é uma ampliação do livro *Experiences in Translation* de 2001 e dos textos elaborados para as comunicações, e “com inúmeras novas divagações e com exemplos” (p. 12).

Assim, neste livro, Eco discute problemas teóricos a partir de sua experiência de autor traduzido, revisor de traduções e tradutor. A prática, aliás, é vista como algo necessário para a elaboração teórica. Segundo ele, é preciso ter revisado traduções, ter traduzido, ter sido traduzido ou ter colaborado com seu próprio tradutor para poder refletir com propriedade sobre o tema (p. 13).

Os inúmeros exemplos tirados de traduções de suas obras e de outros importantes escritores, que podem irritar o leitor pela minúcia, são sempre úteis não apenas aos tradutores, mas para qualquer estudioso e também para todo amante da literatura. De fato, es-

ses exemplos provam, com luxo de detalhes, como a difícil tarefa do tradutor não é “dizer a mesma coisa em outra língua, mas dizer quase a mesma coisa”, isso tudo depois de uma intensa negociação. E esta é a questão central do livro, que é dividido em 14 partes.

Embora cite muitos autores e traga referências importantes no campo da teoria da tradução, como o clássico *After babel (Depois de Babel)*, de George Steiner, *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin, “Aspectos lingüísticos da tradução”, de Roman Jakobson, a *Routledge Encyclopedia of Translation Studies (Enciclopédia de estudos da tradução)*, organizada por Mona Baker em 1998, a bibliografia apresenta muitos textos sobre semiótica e poucos da vasta literatura especializada produzida nos últimos anos.

Lamenta-se, particularmente, Eco não ter tratado com mais detalhes da polêmica questão da tradução intersemiótica, setor em que sua contribuição poderia ser mais substantiva. Na realidade, Eco, de maneira diplomática, tenta mostrar que a famosa divisão triádica proposta por Jakobson em “Aspectos lingüísticos da tradução” tende a ser limitada porque o lingüista russo, seguindo as idéias de Pierce,

que fala na “interpretação como tradução”, conduz a pensar que “a tradução é uma espécie de interpretação”. Essa discussão vai acontecer, principalmente, ao longo da parte 10, intitulada “Interpretar não é traduzir”.

A publicação de um livro de Eco, um dos autores italianos mais traduzidos e lidos no Brasil, é sempre bem-vinda. Apesar de não ser tradutólogo, Eco parece continuar uma sólida, embora assistemática tradição de reflexão sobre os problemas da tradução literária desen-

volvida por importantes autores italianos ao longo dos séculos. Embora menos difundida, as considerações sobre tradução feitas por autores como Monti, Leopardi, Foscolo e tantos outros fazem da Itália um lugar onde traduções práticas de qualidade (tanto das línguas clássicas quanto de algumas línguas modernas como as eslavas) se acompanham de reflexões que nada ficam a dever às realizadas na Inglaterra, França e Alemanha.

Andréia Guerini
UFSC
